

MORIAM

ONLINE

evangelizar
é comunicar a alegria da Fé

TEMA DO MÊS

Fé e Evangelização: o testemunho evangelizador
é o modo concreto do cristão viver o Batismo no Espírito

Testemunho Redentorista

Pe. António Marinho cssr, Provincial
dos Missionários Redentoristas em Portugal

Mas nós não

Os Refugiados, e como
o medo nos turva o olhar

As coisas em miúdos

A fé contada
e explicada às crianças



Constituição 15, CSSR

**A missão da Congregação
exige, pois, que os
Redentoristas sejam livres
e disponíveis, quer em
relação aos grupos a serem
evangelizados, quer em
relação aos meios que servem
para a missão de salvação.
Sendo sua obrigação sempre
procurar novas iniciativas
apostólicas sob a direção
da legítima autoridade,
não podem instalar-se em
condições ou estruturas nas
quais sua atuação já não seria
missionária. Como pioneiros,
descubram com perspicácia
novos caminhos, através
dos quais o Evangelho seja
pregado a toda criatura
(cf. Mc 16,15).**

REVISTA DE ATUALIDADE CRISTÃ

MIRIAM

**#1 SETEMBRO 2016**
REVISTA QUADRIMESTRAL**Edição**

CSSR - PIM

Congregação do Santíssimo Redentor -
Partnership in Mission**Direção Editorial**

Margarida Ferreira

Rui Santiago cssr

Teresa Ascensão

Equipa de Redação

José Silva Oliveira

Marco Ramos

Mariana Costa

Miguel Cabral

Miguel Cardoso

Pedro Panzina

Rui Santiago cssr

Ubam Indje

Colaboradores neste número

António Marinho cssr

André Chasqueira

Calmeiro Matias cssr

Hans Schermann cssr

Design e paginação

Miguel Cardoso @ Terra das Ideias

EDITORIAL**Olá!**

A Miriam está de volta. Para alguns, a revista lá de casa ou da casa dos pais ou dos avós durante muitos anos, para outros, a primeira vez que ouvem falar. Para todos: uma NOVIDADE. Para os primeiros e para os segundos esta é a Miriam, em formato online, com o objetivo de chegar a todos. A Miriam pretende ser uma revista de atualidade cristã. Uma possível mediação, capaz de nos evangelizar. Uma revista que nos pode ajudar a caminhar juntos na procura do Reino Novo ao jeito de Jesus e com o cunho redentorista. Assim, nesta primeira edição online, o tema central, escrito pelo padre Calmeiro Matias, centra-se no modo como Evangelizar é um mistério de Fé. Evangelizar como condição de qualquer crente. Porque se acreditas na força do Evangelho, então há uma obrigação de o anunciar. Não se pode guardar uma Boa Notícia para si. Um cristão é chamado a ser um evangelizador por natureza, um portador de Boas Notícias. E é por aqui que este belíssimo texto nos leva... Com o olhar atento na atualidade, através das notícias da nossa Igreja e através das Boas Notícias que são diariamente comunicadas e às quais nem sempre prestamos atenção, pretendemos encontrar o Evangelho inscrito nos outros, nos acontecimentos e no mundo. O mundo está a pôr-se às direitas. Ainda que às vezes não nos pareça.

Entre testemunho, formação e partilha, vamos descobrir o que a Miriam tem para nos oferecer. Isto é só o início. O melhor está ali ao virar da página. Esperamos que desfrutem. A nós soube-nos muito bem construí-la.

Até janeiro!

CONTEÚDOS



06 AINDA HÁ BOAS NOTÍCIAS

Mariana Costa e Miguel Cabral



08 NOTÍCIAS DA IGREJA QUE NÃO É NOTÍCIA

Pedro Panzina



10 TESTEMUNHO REDENTORISTA

António Marinho Freitas cssr



12 DICIONÁRIO REDENTORISTA

Hans Schermann cssr



14 TEMA DO MÊS EVANGELIZAR É COMUNICAR A ALEGRIA DA FÉ

Calmeiro Matias cssr



20 AS COISAS EM MIÚDOS

Rui Santiago cssr



21 CRÓNICAS DA TERRA VERMELHA

Ubam Indje



22 MAS NÓS NÃO

José Silva Oliveira



24 REDENTOON

Marco Ramos, André Chasqueira
e Miguel Cardoso

AINDA HÁ BOAS NOTÍCIAS

POR: MARIANA COSTA E MIGUEL CABRAL

Há muita coisa boa a acontecer no mundo, no entanto, as más notícias são tão famosas, que podemos pensar que não há boas notícias que cheguem. Assim, para contrariar o que vai passando na TV e outros meios de comunicação, compilamos aqui um “cacho” de boas notícias (expressão da época) com que fomos brindados neste verão. Até porque, mais do que ver televisão, vale mesmo a pena ler, já que pode ser que aumente em 20% a sua esperança média de vida [VER MAIS](#)

Por exemplo, apesar de continuarem a existir demasiados conflitos, é importante analisar a situação numa perspetiva mais global, para darmos graças por estarmos a viver numa das épocas mais pacíficas da história da humanidade [VER MAIS](#). Para além disso, no contexto atual de “extremismo”, porque não parar para pensar na história de um refugiado afegão nos Países Baixos, que desenvolveu um drone que desativa minas terrestres ativas? O projeto é tão promissor, que conseguiu reunir o financiamento que precisava para começar a produzir mais destes aparelhos [VER MAIS](#).

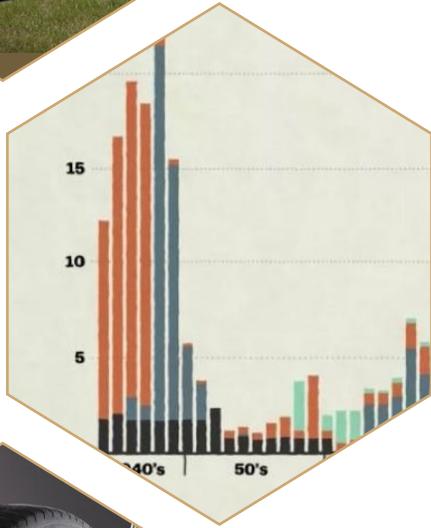
E apesar de ser tempo de férias, continuaram os desenvolvimentos tecnológicos e a investigação. Por exemplo, a Audi, desenvolveu um

protótipo de carro que armazena a energia cinética da suspensão quando o veículo passa por terreno irregular [VER MAIS](#). Em Portugal também temos grandes novidades, com investigadores da Universidade de Coimbra a desenvolverem uma vacina em “spray” nasal [VER MAIS](#) e uma aplicação portuguesa que deteta o sono de condutores ao volante [VER MAIS](#).

Sabemos que este verão foi trágico para muitas terras pelo nosso país fora, no entanto, porque não estamos sozinhos neste mundo, destacamos a solidariedade de Timor-Leste, que se comprometeu a doar 2 milhões de euros para ajudar Portugal com os danos causados pelos incêndios [VER MAIS](#).

Apesar desta adversidade, Portugal continua a ser um destino turístico de grande apreço. A edição holandesa da National Geographic colocou o arquipélago dos Açores no topo da lista de “Destinos a visitar em 2016” [VER MAIS](#). Talvez seja por causa da nossa simpatia, já que Portugal foi classificado como o país mais amigável para estrangeiros da europa e o décimo de todo o mundo [VER MAIS](#).

Se aquilo que o preocupa mais neste momento é ter de voltar ao trabalho após o período de férias, então que tal dar uma olhadela em cursos online gratuitos para conseguir mais felicidade no trabalho [VER MAIS](#)?



Durante este mês de agosto as redes sociais foram espalhando várias partilhas de vídeos de pessoas a fazerem flexões. Não foi um sinal de que iriam adotar estilos de vida mais saudáveis (talvez essa boa notícia venha numa próxima edição), mas foi por uma boa causa. Pretende-se alertar para a alta incidência de suicídios e problemas de saúde mental nos ex-combatentes americanos. Para tal, alguém é desafiado a filmar-se enquanto faz 22 flexões e partilhar esse vídeo nas redes sociais para depois desafiar outras pessoas a fazerem o mesmo. O número 22 não é aleatório. Como esta iniciativa teve origem nos Estados Unidos da América, o número 22 provém de um relatório de 2012 [VER MAIS](#), onde se estimava que se suicidavam por dia cerca de 22 ex-combatentes. Mas, boa notícia, as estimativas mais recentes apontam para que este número tenha diminuído para 20. Ainda assim, estamos perante apenas a ponta do iceberg que muitas vezes não chega a fins tão drásticos, mas que nem por isso deixa de trazer sofrimento e perda a ex-soldados e famílias. Assim, podemos olhar para esta campanha como algo de positivo, por chamar a atenção para o sofrimento daqueles que, depois de passarem por situações de grande desumanidade, são deixados ao seu sofrimento, não apenas físico, mas muitas vezes psicológico e invisível.

Várias celebridades já se juntaram à campanha e a iniciativa ultrapassou as fronteiras americanas. Um dos casos é o português com a Marinha Portuguesa a propôr aos civis que façam 22 flexões [VER MAIS](#), como forma de alertar para os suicídios de ex-combatentes e homenagear aqueles que têm profissões de risco, como bombeiros e forças de segurança.

Apesar de fazer lembrar o desafio do balde de gelo da esclerose lateral amiotrófica (ELA) do verão de 2014, esta iniciativa fica-se para já pela sensibilização para o problema. Apenas recentemente vimos os primeiros frutos práticos do apoio que a campanha do desafio do balde do gelo conseguiu reunir. Foi graças aos fundos recolhidos que se conseguiram financiar diversos projetos de investigação, um dos quais levou à descoberta de um gene que contribui para o desenvolvimento da doença (NK1) e que será um novo alvo terapêutico a desenvolver [VER MAIS](#).



Notícias

DA IGREJA QUE NÃO É

Notícia

POR: PEDRO PANZINA

Em jeito de introdução, vamos dizer o que pretendemos com este espaço na Miriam, vamos dizer com o que nos comprometemos com os seus leitores, como se aqui escrevêssemos o “estatuto editorial” desta coluna.

Uma Igreja viva, uma Igreja que não está parada, uma Igreja que é feita de gente ativa, uma Igreja que se inspira em palavras que incomodam e que desacomodam, uma Igreja que segue Jesus, um Jesus que “mexe e faz mexer”, uma Igreja assim é fonte permanente e inesgotável de notícias. Elas vêm por todas as razões e de todos os cantos do mundo. Vêm aos magotes porque, para além do que é habitual, temos um Papa que sai de casa, que diz o que pensa, que mostra como se faz, isto é, que diz e

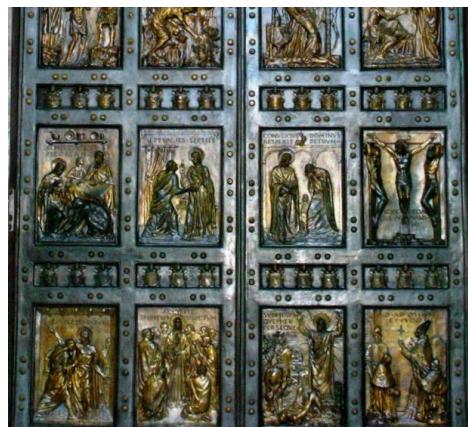
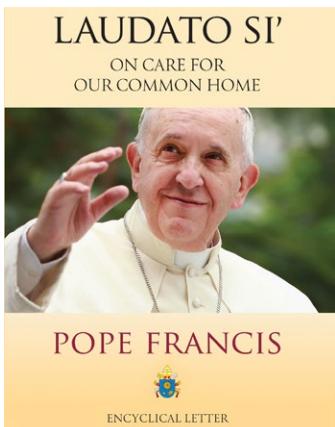
faz.

Por isso, do Papa Francisco vêm notícias dos seus escritos, como a encíclica [“Laudato Si”](#), que aborda de modo inédito as questões ambientais e de defesa da nossa “casa comum”, ou a bula [“Misericordiae vultus”](#), pela qual instituiu o ano jubilar da misericórdia, ainda em curso, ou a exortação apostólica [“Amoris Laetitia”](#), que nos desperta de modo profundo para as questões da família, ou ainda o “motu proprio” designado [“Mitis Iudex Dominus Iesus”](#), pelo que introduziu profundas alterações ao direito canónico, visando resolver o problema do grande número de pessoas cujos matrimónios naufragaram e desejam regularizar a sua situação, ou a criação da [Comissão de Estudo sobre o Diaconado Feminino](#), que muitos acreditam venha a resultar

numa desejável abertura de portas a uma maior colaboração das mulheres no serviço da Igreja.

Também do Papa Francisco, vêm notícias das sua viagens apostólicas, como a visita à Arménia, onde, perante o Memorial “Metz Yegheru”, em ambiente ecuménico, [denunciou o genocídio da tantos cristãos](#), naquela que foi a primeira nação cristã do mundo, ou o tremendo barulho que provocou com a sua [silenciosa visita a Auschwitz](#), ou, ainda, a sua [visão aos campos de refugiados na Grécia](#), de onde, exemplarmente, regressou com algumas famílias que protegeu e reinstalou.

Há notícias muitas boas de dar (e de receber), como a da realização [das Jornadas Mundiais da Juventude](#), que na Polónia juntou cerca de dois milhões



de jovens de todo o mundo, e cujos segmentos hão de dar frutos, a seu tempo, ou a canonização de pessoas que foram nossas contemporâneas, de que são exemplo João Paulo II e Madre Teresa de Calcutá, assim provando que a santidade não é um estado histórico ou do passado, mas hodierno. Há outras notícias que ninguém gostará de dar (também não de as receber), mas todas elas são sinais de vida desta Igreja que continua a ter os seus mártires e a ser perseguida, como o recente assassinio da religiosa espanhola Isabel Sola Macas, em Port au Prince, no Haiti, ou o assassinio, em pleno ofício, do Padre Jacques Hamel, em Saint-Etienne-du-Rouvray, em França, ou de uma monja ortodoxa, no Egito, na estrada entre o Cairo e Alexandria, ou, ainda, as notícias das persegui-

ções de que continuamos a ser alvo na China, no Egito, na Índia, ou no Sudão do Sul, com centenas de mortos.

Sendo tantas as notícias, e porque o espaço desta coluna é finito e, portanto, muitas ficarão por referir, comprometemo-nos com a escolha das notícias que, entre cada edição, pela sua importância social e eclesial, pela sua exemplaridade, pelo seu valor pastoral e pedagógico, valham a pena ficar registadas para a posteridade, na história que a Miriam quer ajudar a escrever.

São exemplo dessa escolha, notícias como as que referem o papel da Igreja Católica na Nigéria, de denúncia do tráfico humano e da escravidão sexual, ou na Venezuela, criando canais de diálogo entre o poder e as oposições, ou a notícia da continuada ação de apoio

aos refugiados de guerra, no seu próprio terreno, como a que é empreendida pela "Ajuda à Igreja que sofre", como o apoio das paróquias, movimentos e organizações católicas na calamidade dos incêndios, como a notícia da voz dos desportistas que anunciam Deus como presente nos seus sucessos desportivos, de que são meros exemplos Fernando Santos, treinador de futebol que se sagrou campeão europeu, e Telma Monteiro, na hora em que conquistou a sua medalha olímpica, ou as veementes condenações de atentados como os de Paris, de Bruxelas, de Nice ou de Istambul, ou as denúncias de fome, como a que afeta mais de seis milhões de pessoas no Malawi. Assim, se tal for do agrado dos leitores, se fará esta coluna. Até à próxima.



ANTÓNIO MARINHO FREITAS CSSR

Nesta primeira edição da Miriam Online temos o privilégio de poder ler um pequeno testemunho de António Marinho Freitas, padre missionário redentorista desde 1974. Nascido a 20 de novembro de 1948 em Celorico de Basto entrou para o Seminário Redentorista em Vila Nova de Gaia quando tinha 10 anos, e, entretanto, já passou pelas comunidades redentoristas de Gaia, Lagos e Castelo Branco.

Tem, desde 2011, a missão de Provincial dos Redentoristas da província portuguesa, residindo, por isso, atualmente em Lisboa. No próximo mês de outubro participará no XXV Capítulo Geral dos Missionários Redentoristas a realizar-se na Comunidade de Pat-taia, na Tailândia.

Testemunha como sendo a sua alegria “servir o carisma redentorista onde for mais necessário, na esperança de que outros jovens também se deixem cativar pela alegria do Evangelho e queiram entregar a sua vida ao serviço do anúncio da abundante Redenção junto dos mais abandonados.”

HÁ UM ANTES E UM DEPOIS DE JESUS NA SUA VIDA?

Olá... sou eu ! A vida é um presente continuado que Jesus oferece à nossa história. E cada história nossa é um livro que Deus escreve como mensagem que nos vai inundando de bênção. Acredito que a minha vida é uma graça abundante de Deus. Senti que fui crescendo graças a Ele e percorrendo caminhos onde Ele me apertou bem a mão. Este aperto foi marcando o rumo do meu viver. Que bom senti-LO como companheiro na aventura da

minha existência... Antes e depois e sempre. E juntar a Ele outros e outros companheiros de missão.

O QUE O ENVAIDECE NA CONGREGAÇÃO REDENTORISTA?

A vaidade é mesmo de ser missionário redentorista. Como agradeço a Deus ter-me ungido para este carisma: tão perto dEle para deixar acontecer a vida perto dos seus. E percorrer caminhos lado a lado com o outro na busca dEle partilhando sonhos de servir e amar os

mais débeis.

Quando somos pequenos só temos mesmo vontade de amar o mais pequeno. Porque Deus amou o pequeno em mim e me concedeu a vaidade de acolher o jeito de seguir Jesus. Assim...assim.

CONTE-NOS UM EPISÓDIO MARCANTE DA VIDA REDENTORISTA?

O que me vem sempre à memória como Redentorista e que bem mais tarde, já com barbas...descobri é que o lugar onde nasci...lá



NUMA PALAVRA...

Um livro... O Artista e o Circo

Uma citação bíblica... E começou a festa Lc. 15,24

Uma pessoa... Santo Afonso

Uma personagem bíblica... S. Paulo

Uma música... Mariza

Um lugar... Moura da Serra

Uma característica redentorista...
a alegria dos simples

para os lados das terras de Basto, se chama "lugar de Santo Afonso". Bem pensaria primeiro que seria algum guerreiro como D. Afonso Henriques. Afinal era o nosso herói, apaixonado por Jesus e pelos pobres e meu fundador. Eu tinha mesmo de ser Redentorista! É a única capela dedicada ao nosso fundador S.to Afonso... E esta eh?

QUAIS AS PRINCIPAIS VANTAGENS E MAIORES DESAFIOS DE VIVER EM COMUNIDADE?

Juntos, a festa da missão pode crescer sempre mais. Porque a missão é uma festa a acontecer na comunhão de enviados. Não se constrói família sozinho. A família é bem mais que um. Somos muitos. Desafios: partilhando cada dia os sonhos de

cada um, no Espírito...o Reino cresce e o terreiro da festa dos pobres alarga-se por causa de Jesus.

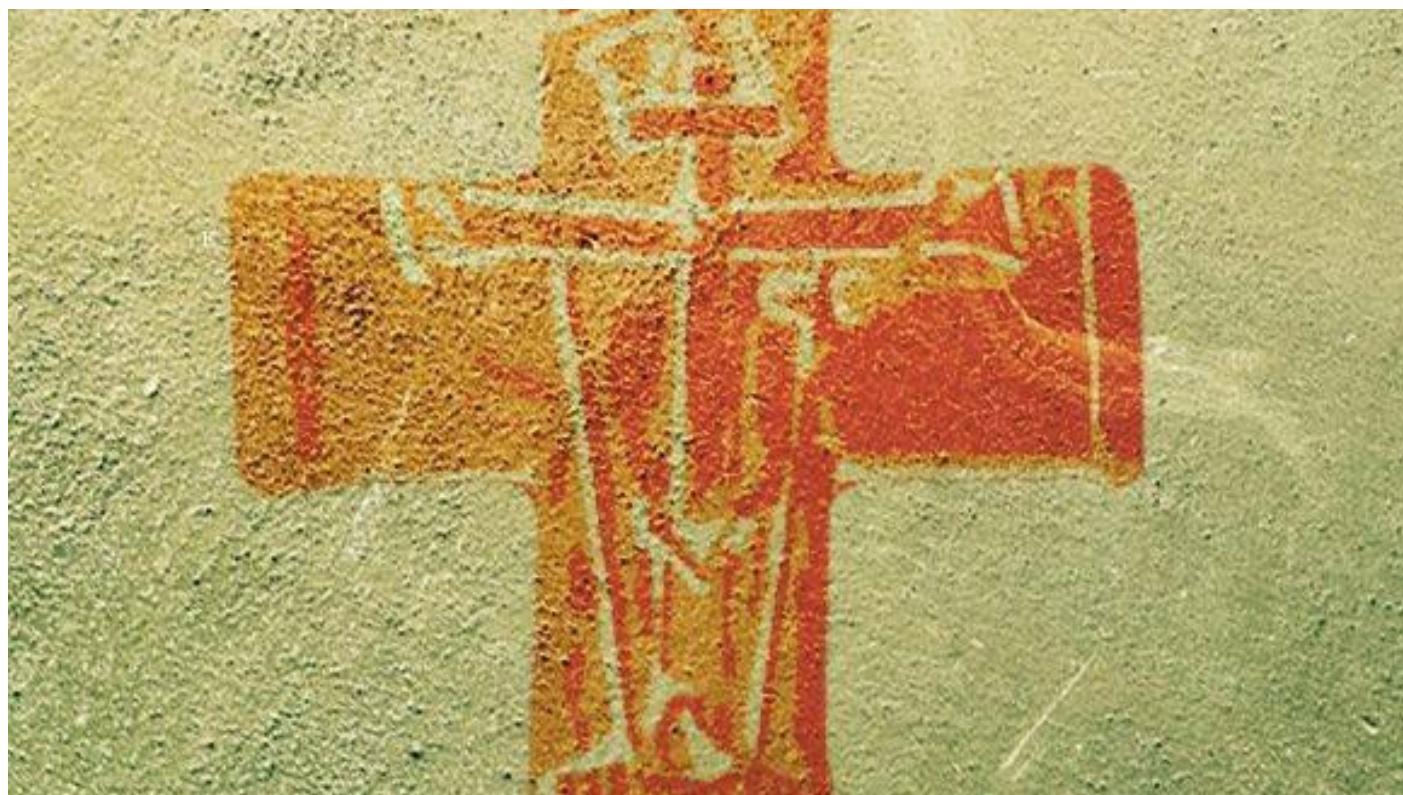
OLHANDO PARA A SUA VIDA COMO REDENTORISTA, O QUE DEIXA MAIS SAUDADE?

O sonho de não poder transformar o coração da gente como Jesus gostaria. A começar pelo meu e dos meus companheiros missionários. Assim atrasamos a festa dos pobres.

UM PROJETO QUE GOSTASSE DE VER CONCRETIZADO.

O projecto de converter uma comunidade nossa, em parceria com os leigos redentoristas, ao serviço dos mais pobres... ao jeito de um tal Jesus de Nazaré.

“servir o carisma redentorista onde for mais necessário, na esperança de que outros jovens também se deixem cativar pela alegria do Evangelho e queiram entregar a sua vida ao serviço do anúncio da abundante Redenção junto dos mais abandonados.”



DICIONÁRIO REDENTORISTA

EVANGELIZAÇÃO

A Evangelização é a missão básica dos Redentoristas. Por outras palavras, a proclamação explícita do Evangelho é a nossa razão de existir. O próprio Jesus é o modelo para todos os evangelizadores. Queremos “continuar o exemplo de Jesus Cristo Redentor, pregando aos pobres a Palavra de Deus, como disse ele de si mesmo: ‘Enviou-me para evangelizar os pobres’” (Constituição 1 da Congregação do Santíssimo Redentor).

Os Redentoristas têm procurado de vários modos cumprir essa missão no decurso da sua história. Mais do que as “formas” ou os “métodos” para a evangelização, deve distinguir-nos o dinamismo apostólico e a prontidão necessária para respondermos fielmente a cada tempo e lugar.

Das “insondáveis riquezas de Cristo” (Ef 3,8), apenas algumas dimensões podem ser oferecidas na proclamação de cada vez. Quais são elas? Depende das circunstâncias: das possibilidades e das necessidades concretas de determinada situação, das circunstâncias culturais e políticas de um país e de uma época, da teologia dominante, da posição social da Igreja; e naturalmente dos “pregadores”, da sua força e competência.

CONTEÚDOS FUNDAMENTAIS

1. De qualquer modo, na proclamação dos Redentoristas deve estar sempre em primeiro plano a Abundante Redenção que Deus nos dá em Jesus Cristo, o Seu Amor Vencedor sobre todo o pecado e maldade. Esse Amor Vencedor é uma Pessoa: “Jesus Cristo, Redentor e Senhor, que é cabeça e modelo da Nova Humanidade.” (Const. 6)

2. A proclamação do Evangelho de Jesus Cristo também significa dar a conhecer a mensagem e o ensinamento de Jesus, como um caminho concreto para conformarmos a nossa existência. Esta é, na nossa Tradição, a dimensão moral do carisma redentorista: ajudar as pessoas a aderir a Jesus como alguém que converte.

3. As Constituições também exortam os Redentoristas a anunciar sempre e por todas as formas a dignidade da pessoa humana: “Testemunhas do Evangelho da graça de Deus, os Redentoristas proclamam, antes de tudo, a sublime Vocação do Ser Humano. Sabem que todos os Homens são pecadores, mas sabem igualmente que esses mesmos Homens já foram de um modo mais profundo escolhidos, salvos e reunidos em Cristo” (Const. 7).

Estes são os três conteúdos fundamentais da evangelização em chave redentorista. Contudo, a ênfase concreta na proclamação vai depender das circunstâncias, dos “sinais dos tempos e lugares”: “Para desenvolverem uma obra missionária e capaz, os redentoristas devem ter adequado conhecimento e experiência do mundo. Interpretem fraternalmente as angústias dos homens, para discernir nelas os verdadeiros sinais da presença e do desígnio de Deus” (Const. 19).

OPÇÕES FUNDAMENTAIS

Além do critério da Incarnação/Inculturação, a Vida Apostólica dos Redentoristas está também sujeita a opções fundamentais que são como condições básicas nas quais se joga a nossa fidelidade:

1. A evangelização redentorista deve ser basicamente uma proclamação explícita da Palavra de Deus, não perdendo o centro nem o foco que é Jesus, segundo as Escrituras. Haverá certamente situações em que uma evangelização direta não é possível, e tem de investir-se tudo no testemunho tácito da presença missionária; mas sempre que possível, o Evangelho deve ser proclamado de maneira clara e credível.

2. A proclamação deve concentrar-se acima de tudo na causa e na casa dos “últimos” e dos “pobres”. Isto é: ser uma evangelização por causa deles, em favor deles, para eles, com eles e através deles. O termo “pobre” é entendido de modos diferentes no decurso da história: o povo da zona rural (no tempo de Santo Afonso), as pessoas invisíveis dos grandes centros citadinos (para São Clemente, redentorista de Varsóvia e de Viena), os imigrantes e os deslocados (para São João Neuman, redentorista nos EUA).

No entanto, o critério foi-se tornando claro e ficou definido pelos últimos Capítulos Gerais da Congregação: a opção pelos pobres corresponde à práxis de Jesus e à intuição fundacional de Santo Afonso. Isso significa que a nossa evangelização assume a causa e a companhia dos “mais abandonados” (ou “últimos”) em sentido humano e espiritual. E, dentre estes, optamos pelos mais pobres em sentido socio-económico.

3. Por conseguinte, os Redentoristas devem ter uma intervenção “profética e libertadora”. Isto significa: precisam mencionar de modo crítico as estruturas políticas ou económicas que oprimem as pessoas; encorajar a libertação e, juntos, encontrar meios e caminhos para ela. “O mandato conferido à Congregação de evangelizar os pobres visa a libertação e a salvação da pessoa humana toda. Os membros da Congregação têm como incumbência o anúncio explícito do evangelho e a solidariedade com os pobres, a promoção dos seus direitos fundamentais na justiça e na liberdade” (Const. 5).

4. Por fim, temos de reconhecer que a Vida Apostólica implica uma opção clara e decisiva pela Vida em Comunidade. A mensagem fundamental não é uma palavra de dizer, mas uma palavra de ver: a vida em comunidade. É o dinamismo comunitário que suscita a Palavra e inspira a sua atividade. É também a Comunidade concreta que torna a Palavra credível e a explica de maneira eficaz.

Nos últimos anos da sua vida, São Clemente M. Hofbauer (+1820) dizia muitas vezes: “É preciso anunciar o Evangelho de novo!” “De novo”, quer dizer duas coisas: novamente e numa nova linguagem. Por causa de Jesus, sobre o qual não podemos calar; e por causa do povo que tem absolutamente necessidade deste Evangelho.

Hans Schermann cssr
Missionário Redentorista de Viena - Áustria

EVANGELIZAR É COMUNICAR A ALEGRIA DA FÉ

SER CRISTÃO É SER EVANGELIZADOR

POR: CALMEIRO MATIAS CSSR

Todos os cristãos estão chamados a ser anunciantes de Cristo Ressuscitado. Este chamamento vem do próprio Jesus que, Ressuscitado, nos dá o Espírito Santo e nos convoca para agirmos como membros vivos do seu Corpo. Por outras palavras, o Senhor Ressuscitado continua ativo no mundo e partilha connosco a Alegria de estar ao serviço do Espírito Santo.

Na verdade, o Espírito Santo é a fonte da Sabedoria e da Coragem de Jesus, e quando Jesus partilha connosco este Espírito está a colocar ao nosso alcance uma maneira de viver semelhante à sua. Nas palavras do Apóstolo Paulo, "o Espírito Santo é o Amor de Deus derramado nos nossos corações" (Rom 5, 5) a fim de iluminar a nossa mente e fortalecer o nosso coração para o serviço do Evangelho.

Onde está o Espírito de Jesus, aí está o Dinamismo da Evangelização. Por isso, não é possível imaginar cristãos fora do Dinamismo da Evangelização, porque isso corresponde a um cristianismo sem o Espírito de Jesus!

Mais do que realizar esta ou aquela tarefa específica, entrar na dinâmica evangelizadora de Jesus é uma maneira de viver. No dia a dia da nossa vida, o Espírito Santo consagra-nos para colaborarmos com autenticidade - cada qual com a sua própria história, dons e limitações - na evangelização do nosso mundo.



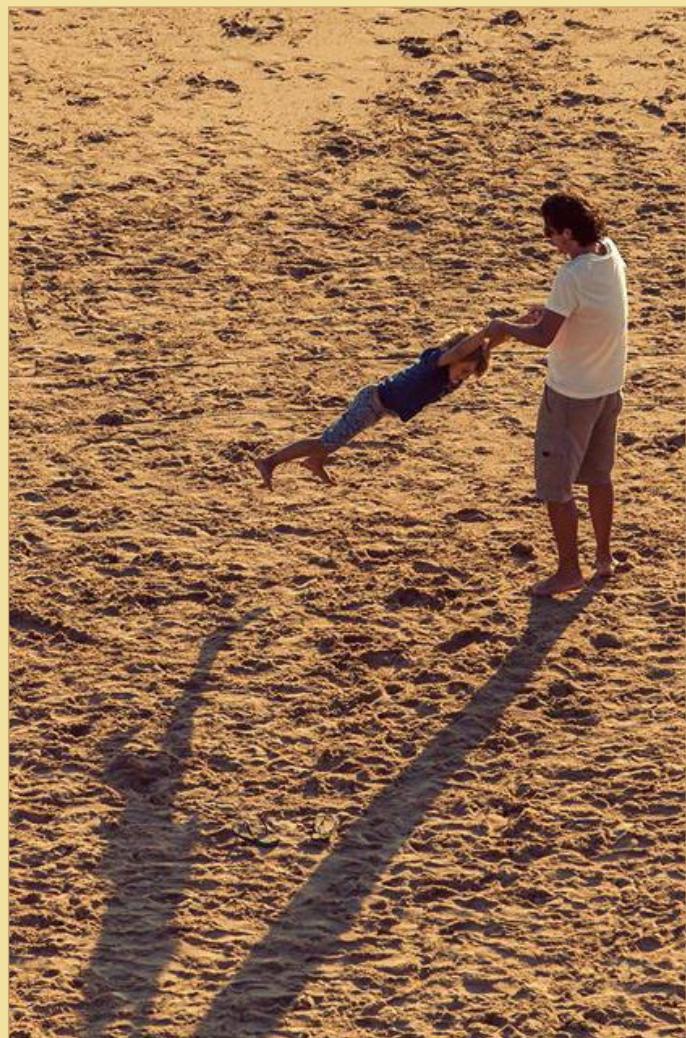
O Espírito Santo conduz-nos à Comunidade e gera a Comunhão entre os irmãos. É o Espírito Santo que, nos nossos corações, torna possível o Perdão e a Correção Fraterna, caminhos nos quais a Comunidade amadurece e se edifica como Corpo Vivo de Cristo.

O Espírito Santo abre-nos a mente, pela mediação dos irmãos, da nossa inteligência e da nossa sensibilidade, para entendermos o sentido das Escrituras e nos encantarmos com elas.

O Espírito Santo dá-nos o sabor precioso da Palavra de Deus e molda em nós a Sabedoria do Plano de Deus.

O Espírito Santo torna fecundas as Celebrações da Fé, dá vida aos Sacramentos e aperfeiçoa-nos no caminho do Louvor e da Oração.

O Espírito Santo é o “Senhor que dá a Vida”, Pedagogo da nossa Fé e Mestre da nossa Consciência.



SEM EVANGELIZAÇÃO, A FÉ ESTÁ MORTA

Sem a ação do Espírito Santo, não há Fé. Com efeito, acreditar no Deus de Jesus Cristo não é aderir a um conjunto de verdades teóricas, mas abrir-se à atividade do Espírito Santo através das Suas tão variadas mediações e manifestações.

É o Espírito Santo que gera a Fé, e é a Fé segundo o Espírito que gera a Evangelização. Sem o dom da Fé ninguém pode ser evangelizador, pois a Evangelização implica fazer e partilhar a experiência do Plano de Deus manifestado em Jesus Cristo. É por isso que sem Fé não há Evangelização.

Mas sem Evangelização também não há Fé! Põe-se aqui o mesmo pensamento que S. Tiago utilizou para falar das “obras da Fé”, na sua carta: “Podes dizer tu: eu tenho a Fé, tu tens as obras. Pois bem: mostra-me a tua Fé sem obras, que eu, pelas obras, te mostrarei a minha Fé. A Fé sem obras está morta.” (Tg 2, 14-26)

Assim também se relacionam a Fé e a Evangelização. A ação evangelizadora é o modo concreto do

cristão viver o seu Batismo no Espírito, isto é, a dinâmica reveladora do Espírito Santo que nos converte ao Evangelho.

Evangelizar não é uma opção para um cristão; é o modo de ser cristão. Dar testemunho da Fé e querer asse-
melhar-se cada vez mais à maneira de viver de Jesus, não é opcional; é a única maneira de ser cristão.

Evangelizar é contar a História do Amor Incondicional de Deus pela Humanidade, vivendo-a na primeira pessoa. Aceitando limitações e falhas, reparando erros e assumindo infidelidades, ser cristão é deixar-se habitar por uma Boa Notícia que dá um sentido pleno à nossa existência e a toda a Criação.

Pelo Batismo, confirmado depois no Crisma, os cristãos são consagrados - isto é, capacitados - e postos ao serviço da evangelização dos irmãos. Deus conta connosco segundo os talentos que temos. É com o leque concreto de talentos que temos que o Espírito Santo nos consagra para a tarefa da evangelização do mundo.

Por isso, ninguém arranje desculpas. É assim como cada um é que Deus conta com ele. Deus não arranje desculpas em nome das quais nos negue o Seu Espírito ou a Sua Palavra. Apesar de todo o nosso pecado, Deus derrama em abundância o Seu Espírito e dá-nos a Sua Palavra, no Dom máximo do Seu Filho Jesus! Por isso, se Deus não arranje desculpas connosco - e era tão fácil - também nós não devemos esconder-nos atrás das nossas limitações e fugirmos pelos atalhos das nossas desculpas.

A Fé brota da Palavra (Rom 10, 17). Procuremos a Palavra do Reino de Deus e demos-lhe tempo para atuar em nós. Tudo o resto vem por acréscimo. Ao dizer no nosso coração o sentido profundo da Palavra de Deus, o Espírito Santo comunica-nos os dons que nos capacitam para a tarefa do Evangelho.

EVANGELIZAR É COMUNICAR A ALEGRIA DA FÉ

Jesus de Nazaré veio revelar aos homens o amor incondicional de Deus. Testemunhou este amor de modo muito claro sobretudo nas suas atitudes para com os doentes, os pobres, as crianças, os mais fracos e desprotegidos. Através do seu modo de agir e falar, as pessoas entendiam o jeito de Deus as amar e a força libertadora do seu amor.

As atitudes de Jesus revelavam de modo muito claro que Deus Pai aco-
lhe as pessoas como filhos, sem estar à espera que elas O amem primeiro. Não é este amor que temos para tes-
temunhar?

E o Evangelho não conta apenas a maneira como Jesus foi um sinal tão claro do amor incondicional de Deus por nós, mas também nos dá pistas sobre a maneira como este amor concreto atuava no íntimo das pessoas. Quando se deixavam libertar por ele, ficavam livres e as suas vidas renova-
vam-se. Então, do íntimo dessas pes-
soas começava a irromper um desejo enorme de dar testemunho de Jesus.

Várias vezes acontece que Jesus pede a alguém que ficou curado pela sua presença que não diga nada a nin-
guém, que não ande a falar disso, que faça silêncio total. E o que se lê a seguir? Diz que as pessoas, mal da-
vam os primeiros passos, começavam a testemunhar a toda a gente o que lhes tinha acontecido, e espalhavam o rumor da passagem redentora de Jesus por ali.

Não havia outra hipótese. Era um ím-
peto irreprimível que brotava do mais íntimo da pessoa, do lugar profundo em que a vida se transforma. Quanto custa guardar boas notícias?...

Não somos capazes de disfarçar quan-
do a nossa vida é feliz ou nos apaixoa-
námos! Quem nos conhece, repara. Mesmo quando queremos esconder o que nos vai dentro, somos muitas ve-
zes “apanhados em flagrante”, porque o nosso comportamento muda quan-



do dentro de nós há novidades. Não podemos ser como aquelas crianças que juram não saber quem comeu os chocolates que estavam na caixa, enquanto têm a boca e as mãos cheios de chocolate! A Fé dos cristãos, quando é encontro com Jesus, também está chamada a ser assim evidente e flagrante, não porque o dizemos. Aliás: ainda que o não digamos, há mudanças que acontecem em nós e não somos capazes de disfarçar, porque nos tornámos pessoas diferentes.

Pelo contrário, o Evangelho também conta que Jesus ficou triste pela falta de reação de algumas pessoas diante da transformação da Fé. Conta o evangelista São Lucas que dez leprosos ficaram curados, mas apenas um deles mudou o sentido do caminho que tinha para fazer, apenas um “deu a volta”, e foi ter com Jesus (Lc 17, 11-19). Esta ingratidão deixou Jesus triste.

A isto se assemelha uma Fé que não dá testemunho. A esta ingratidão que gera tristeza no coração de Jesus. Evangelizar é comunicar a Alegria da Fé que experimentamos. É dar testemunho da Bondade imensa do Pai de Jesus que é um Deus para nós. Está connosco, apesar de não estar em nosso lugar, porque nos ama e nos respeita em Aliança Eterna.

Ser cristão é fazer a experiência do Filho Pródigo que se aproxima e é recebido pelo Abraço infinito do Pai. Evangelizar é deixar que passe através de nós a Alegria de ser filho bem amado, perdoado, resgatado e sentado à Mesa do Pai.

O contrário disto é a distância e o azedume do filho mais velho. Não tem Alegria a transmitir porque não aceita o Abraço do Pai nem a Festa do Irmão.

Também para nós há ainda um caminho a fazer nessa experiência. Nenhum de nós terminou ainda de vestir a Túnica Nova que o Pai preparou, essa Veste Nova que é a vida de Jesus Cristo, nossa Páscoa.

Mas o Dom está feito e Deus não volta atrás! A Fé é o itinerário do nosso “sim” ao SIM já dado e selado por Deus em Cristo.

UMA FÉ VERDADEIRA É UMA FÉ CONTAGIANTE

O conhecimento do amor e da ternura de Deus por nós é uma graça que o Espírito Santo faz acontecer em nós de modo gradual e progressivo. À medida em que nos faz experimentar o amor incondicional de Deus, o Espírito Santo convida-nos a anunciar aos nossos irmãos a força libertadora do amor de Deus.

Por outras palavras, o Espírito Santo que consagrou Jesus para anunciar o Evangelho aos pobres e libertar os cativeiros, consagra-nos também a nós para continuarmos a mesma missão.

Quando o Espírito Santo nos faz saborear a ternura de Deus, desperta também no nosso coração o desejo de anunciar a Boa Nova do amor de Deus aos irmãos! Mesmo que o próprio Jesus dissesse, como aparece logo no princípio do evangelho segundo São Marcos: “Vê lá, não fales disto a ninguém! (...) Mas o homem, assim que saiu dali, começou a proclamar abertamente a todos o que se tinha passado com ele, e a Notícia espalhou-se de tal maneira que Jesus já nem podia entrar à vontade nas povoações.” (Mc 1, 43-45)

Quando saboreamos o amor de Deus pelos seres humanos, compreendemos que a missão evangelizadora é um ato de grande amor pela Humanidade. É partilhar a graça da Liberdade e da Alegria. Evangelizar é propor a Fé como abundância de Sentido e Redenção.

Deus chama-nos a anunciar o Evangelho da Bondade de Deus aos nossos irmãos de todas as raças, línguas, culturas e nações. E de uma coisa podemos ter a certeza: quando o fazemos, somos nós os primeiros beneficiados.



Evangelizar

NAO É UMA OPÇÃO PARA UM CRISTÃO;
É O MODO DE SER CRISTÃO.

DAR TESTEMUNHO DA FÉ
E QUERER ASSEMBELHAR-SE
CADA VEZ MAIS À MANEIRA
DE VIVER DE JESUS.

NAO É OPCIONAL;
É A ÚNICA MANEIRA
DE SER CRISTÃO.

Evangelizar

É CONTAR A HISTÓRIA DO AMOR

INCONDICIONAL

DE DEUS PELA HUMANIDADE,

VIVENDO-A
NA PRIMEIRA PESSOA.

AS COISAS EM MÍUDOS

POR: RUI SANTIAGO CSSR

UM DIA...

Um

pulmões dos meus sonhos para dentro de um balão feito de boas estórias. Dou-lhe um nó com o fio das minhas brincadeiras e fecho os olhos até deixar de sentir os pés agarrados ao chão.

Um dia – eu queria que fosse “hoje”, mas todos os crescidos guardam estas coisas para o “um dia” e dizem que quando eu for crescido vou entender... por isso é que digo que vai ser no “um dia”, porque quero ficar crescido já Hoje para poder entender! – um dia, dizia eu, vou conseguir ver com os olhos fechados o que não se consegue ver com os olhos abertos e vou conseguir conhecer onde não se chega com os pés no chão.

Um dia – e isso ainda bem que não é já “hoje” – também vou se calhar sentir-me um bocado sozinho, porque quase todas as pessoas que eu conheço desaprenderam de voar: deixaram de acreditar nas estórias, não levam a sério os sonhos e têm vergonha de admitir que ainda precisam de brincar.

Um dia – caraças, que por mim era já “hoje”! – vou-lhes trazer na palma da mão um pedaço de céu sem nuvens... depois desenrolo o que vou trazer à cintura, um enorme fio de sol que cada um poderá pegar pela ponta e levar para casa porque nunca se apagará. E, no fim, vou tirar do bolso o bom tempo e vamos lambuzar-nos com ele, como se fechássemos os olhos e mergulhássemos a cara dentro de uma imensa tigela cheia de guloseimas. Havemos de rir-nos. E ficar mais felizes. Havemos de gostar de olhar uns para outros, pensarmos que somos engraçados e havemos de dizer muitas vezes, assim sem motivo à vista, “Gosto de ti!” E vamos gostar mesmo! De todos. UAU... um dia... Caraças, se ao menos pudesse já começar Hoje!



CRÓNICAS DA TERRA VERMELHA

POR: UBAM INDJE (GUINEENSE, CATECÚMENO)

Nasci no meio de palavras. Elas existem na minha tabanka* como árvores (já subi a umas quantas). Como árvores, raiz e força, fruto e semente, sangue e sombra estão nelas. Às vezes sonhei que palavras se juntaram para fazer meu corpo e o corpo das coisas todas que existem. Foi assim que, antes de saber letras, eu já andava lendo mundo.

Na minha etnia, nascemos quando nos cortam o bico*. Esse ato é uma palavra, a primeira palavra dita em rosto: "Vive!" Mas só começamos a existir quando nos dão um nome. O normal é ser algum tempo depois, dias, semanas, um mês... Existimos quando somos apresentados à tabanka e recebemos um nome. Um primeiro. Ainda recebemos mais, depois. Só existimos quando existimos para alguém. Existir é ser chamado. O nome é uma palavra limpa*, como barkafom* feito de novo e usado pela primeira vez. É palavra para depois preencher, enquanto fazemos caminhos.

Mas onde melhor se juntam as palavras é na boca dos Garandi*. Nha dona* tinha umas mãos que faziam magia: pegavam em pedaços de pau e, só com a pontinha da faca, nasciam dali bonecos e brinquedos. Mas eram as estórias o que mais lhe admirava. Nha

dona comia silêncios. Chupava-os como caroços de mango*. Depois, só com a pontinha da língua, nasciam dali palavras inteiras. Falava bonito, nha dona...

Ouvi dele e dos outros Garandi da tabanka as passadas* dos antepassados. Contavam os segredos que guardamos debaixo da terra, explicavam os sons do mato e ao que se parecem as caras e os movimentos dos animais. Deus fazia parte dos nossos dias, como o sol ou as rolas. Deus estava lá, assim, tão invisivelmente às claras como tudo o que existe sem nós percebermos. E alto. Deus estava alto. Chamávamos-lhe, na nossa língua, "o mais alto". Cá em baixo havia os irans*, que atuavam sem nos pedirem permissão. Todas as pessoas queriam estar de boas relações com eles, para que a bolanha* crescesse e as doenças não viessem pegar-nos. Por isso, íamos à baloba* levar-lhes algumas coisas, comidas e bebidas, e outras ofertas. E cantávamos para eles, e dançávamos enquanto bebíamos aguardente de cana e vinho palmo*. E voltávamos só de manhã, na hora da luz. O que queríamos era simples, entendendo hoje: queríamos que eles ficassesem lá. Levávamos o que precisavam para ficarem lá, e voltávamos de dia para termos a certeza que não podiam seguir-nos. Também o medo tem

as suas liturgias. Também do medo nascem louvores e cerimónias festivas.

Quando eu tive de sair da minha tabanka ainda não sabia que existiam medos dentro de mim. Não me lembrava de Deus ter estado alguma vez ausente da nossa vida, mas também não me lembrava de Deus ter estado alguma vez próximo de mim. Fazíamos esforço para manter os irans fora da tabanka, e só pensei a sério nisso quando eu tive de sair. O lado de fora assustou-me e invadiu-me de perguntas. De repente, como espíritos que saíam de esconderijos nas raízes das árvores, perguntas apareciam-me e rodeavam-me como onças.

Estive sete anos fora da minha tabanka, longe do meu país, num continente em que a terra não é vermelha. Mesmo que fosse, não se veria, porque tudo está alcatroado, calcetado, cimentado... Branco não tem mais terra nem céu, só chão e teto. Quando regressei, não quis sair nunca mais.

Tinha voltado uns meses antes de mim o Suleiman, meu colega*. Trouxe com ele o Evangelho, palavra nova para mim naquela altura. E Jesus, Garandi desconhecido para nós... Eu tinha vinte e quatro anos, e não sabia que estava para ouvir de novo a palavra em rosto que nos faz nascer: "Vive!"

Ainda não tenho O Nome.

tabanka: pequena aldeia, povoado

bico: umbigo (depois de cair, semeia-se na terra de origem)

limpa: vazia

barkafom: bolsa a tira-colo, feito em pele e usado nas caminhadas do dia-a-dia

Garandi: velhos, anciãos, antepassados

nha dona: meu avô

mango: manga

passadas: estórias ou histórias pedagógicas

iran: espírito, protetor ou ameaçador, que habita na floresta mas pode aproximar-se das povoações e intervir na vida das pessoas

bolanha: arrozal

baloba: lugar sagrado na floresta para comunicar com o iran

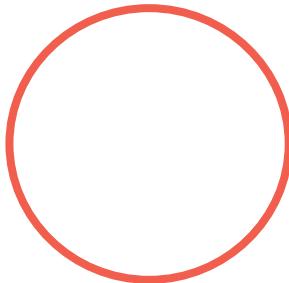
vinho palmo: seiva da palmeira

colega: pessoa com a mesma idade



MAS NÓS NÃO

POR: JOSÉ SILVA OLIVEIRA



último ano lançou um enorme desafio à humanidade: ser humana. Milhões de seres humanos veem-se obrigados a fugir das suas casas por estas se encontrarem no meio de autênticos cenários de guerra. Uma fuga óbvia e racional, mas que deixa necessariamente para trás uma vida inteira. Os corpos que se salvam nesta fuga precisam de encontrar um refúgio, ou seja, um **abrigo de Esperança** que permita o renascimento do alento necessário para voltarem à existência. A estes corpos faltam-lhes motivos para além da sobrevivência e fundamentos para além da imaginação. Um processo doloroso e delicado, portanto, dentro do qual a Europa (entenda-se, os seus cidadãos) tem sido convocada a ser o tal refúgio, o tal abrigo, o tal alento. E, perante uma convocatória, tudo é resposta: a ação é resposta; a inação também é resposta. Infelizmente, uma das principais respostas dadas a esta convocatória é o medo. Ou porque são todos uns

terroristas que vêm infiltrados para matar os nossos; ou porque nem sequer conseguimos ajudar os nossos pobres, quanto mais os outros; ou porque os outros são simples migrantes à procura de melhores condições de vida (sendo a guerra um pormenor acessório da história) e que, por isso, vêm tirar-nos os nossos postos de trabalho; ou porque tudo isto não passa de uma invasão religiosa e cultural orquestrada pelos outros e que pretende aniquilar os nossos nobres valores que sustentam a civilização ocidental em que orgulhosamente vivemos. Medo, medo, medo, medo. O medo que leva governos a fechar fronteiras e a construir muros, o medo que conduz indivíduos para dentro das suas certezas ensimesmadas, o medo que inunda a opinião pública de fatalismos infundados, o medo que condena os outros porque não são os nossos. Além de ser uma péssima resposta por definição, o medo ainda reúne em si outro mal: é uma resposta barulhenta. O medo grita de medo, seja nos cafés, nas redes sociais, nas ruas ou nos parlamentos. O medo grita de medo, mas garante-nos que não é um grito ingênuo e que tolos são os que optam por não lhe dar ouvidos. O medo vê nos outros um perigo para os nossos; de facto, é sempre assim que o medo se exprime.



MAS NÓS NÃO. Nós não podemos encontrar no medo uma resposta válida, nem que seja por uma mera questão de racionalidade. A racionalidade e a nossa própria condição humana são absolutamente suficientes para impedir qualquer pessoa de alinhar neste tipo de julgamentos e atitudes. Basta procurar ver o mundo todo, em vez de ver apenas o seu quarteirão. Basta ver que não se encontram relações entre os terríveis atentados realizados no Ocidente e os refugiados¹. Basta ter uma mínima noção do inacreditável sofrimento que a guerra provoca nos países de onde todos os dias procuram fugir tantas pessoas. Basta a sensatez de conhecer e aprender da nossa própria História para não se defenderem hoje os erros drásticos do passado. A racionalidade desmonta todos os argumentos do medo. A nossa condição humana derruba a fronteira criada pelo medo entre os nossos e os outros. Contudo, o imperativo que nos obriga a trilhar um caminho diferente não nos vem apenas – nem principalmente! – daqui.

MAS NÓS NÃO por uma questão de identidade. Se somos **cristãos**, é a nossa própria identidade que não nos permite ceder à tentação lançada pelo medo. Se transportamos esse nome na nossa própria pele, não podemos encontrar resposta na construção de muros ou no fechar de portas, deixando do outro lado quem está a sofrer, independentemente da sua nacionalidade, da sua religião, do que veste, do que come ou do que pensa. Somos descendentes daquele homem, Abraão, que, na hora de calor, estando sentado à sombra junto à porta da sua tenda, vê ao longe três estrangeiros e corre no seu sentido (Gn 18,1-8). Convida-os para descansarem em sua casa, pede a Sara que prepare uma boa refeição para lhes oferecer e fica ali, enquanto eles comem, disponível para os servir. A nossa identidade vem daqui. Somos seguidores daquele homem, Jesus, que de tantas maneiras nos contou o lugar dos últimos no Reino de Deus. Pelo modo como gostava de se sentar à mesa com os malditos do seu tempo. Pela forma insistente com que procurava encontrar-se com os marginalizados. Pela escolha de um muçulmano, perdão, de um samaritano para contar uma parábola sobre a grande lei do Reino de Deus: o amor ao próximo. A base de toda a ação pública de Jesus passou por anular as distâncias entre os *nossos* e os *outros*. Amar o próximo é fazer-se próximo. A nossa identidade vem daqui.

Só nos é possível uma resposta: sair da sombra, trazer para casa, acolher e servir. Inverter a lógica. Colocar o outro em primeiro lugar, dar-lhe primazia. E, mesmo que esta resposta nos traga sofrimento, mesmo que alguma das desgraças anunciatas pelo medo se cumpra, nós não cedemos. Por uma questão de identidade. Cristãos. Não digamos mal deste nome tão belo.



¹ Os **refugiados** são pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições. Com frequência, a sua situação é tão perigosa e intolerável que devem cruzar fronteiras internacionais para procurar segurança nos países mais próximos, e então se tornarem um 'refugiado' reconhecido internacionalmente, com acesso à assistência dos Estados, do ACNUR e de outras organizações. São reconhecidos como tal, precisamente porque é muito perigoso voltarem ao seu país e necessitam de um asilo em algum outro lugar. Para estas pessoas, a negação de um asilo pode ter consequências vitais.

"VÓS SOIS A LUZ DO MUNDO. NÃO SE PODE ESCONDER UMA CIDADE SITUADA NO CIMO DO MONTE! O QUE EU VOS DIGO EM SEGREDO, ANUNCIAI-O EM PLENO DIA; O QUE EU VOS CONTO AO OUVIDO, APREGOAI-O NOS TELHADOS" (MT 5, 14.10, 27)



E A MINHA **FÉ**
É APANHADA EM
FLAGRANTE?

PROGRAMA

CENTRO DE ESPIRITUALIDADE
REDENTORISTA



5 OUTUBRO 2016
JORNADAS DE REFLEXÃO PASTORAL (ANO 1)

28-30 OUTUBRO
RETIRO CER
“ONDE ESTÁS?” (GEN 3, 9): UM DEUS AO NOSSO ALCANCE

21-23-25 NOVEMBRO
CURSO CER
DOS ACTOS DE JESUS AOS ACTOS DOS APÓSTOLOS

7 JANEIRO
ESTÉTICAS DA FÉ
OS NATAIS DOS POETAS E DOS CONTOS PORTUGUESES

[**CLIQUE AQUI PARA MAIS INFORMAÇÕES**](#)

EMAIL: cer@cssr.pt

MIRIAM
WWW.CSSR.PT/MIRIAM